

## “As colônias não são o problema”

Colóquio de MARTIN JEHLE e CHAIM NOLL

com o rabino **Shlomo Riskin**

sobre a colônia Efrat e reformadores judaicos, conversão e diálogo com cristãos

*Senhor Rabino Riskin, o quê moveu o Senhor deixar, faz mais que 25 anos, a sua cidade natal Nova Iorque para chegar a ser co-fundador e rabino da colônia Efrat na terra oeste do Jordão?*

Essa é história um pouco mais longa. Como rabino jovem cheguei primeiro a ser assistente científico para Bíblia e Talmude na Universidade Yeshiva em Nova Iorque. Pois depois da minha ordenação ao rabino não me interessara primeiro para a atividade prática numa comunidade. Em vez disso, gostei do mundo da ciência. Absolvi então um estudo construtivo e comecei com a minha obra de doutorado. Manhattan, mais exatamente: Hell's Kitchen, estava então fortemente em mudança. A peça teatral *The West Side Story* foi apresentada ali. Região má com muita criminalidade, bandas e assim em diante. Felizmente o prefeito de Nova Iorque decidiu desenvolver o centro da cidade, para atrair famílias que se mudarem no passado para os subúrbios. Pressuposição para isso era, porém, que o centro fosse atrativo oferecendo bastantes ofertas culturais. Por isso foi poderosamente construído, também o Centro Lincoln nasceu nesse tempo – essa devia chegar a ser a minha região. Teatro, bons restaurantes e jardins públicos foram acrescentados. Um dia alguém começou em Rosh Hashana e Yom Kipur realizar serviços religiosos em um dos hotéis; a orientação estava em algum lugar entre conservativo e reformado. Fui lá para olhar, vindo assim a contato com o trabalho como rabino. Essa foi a ignição inicial para mim e uma sinagoga certa, que a seguir fundamos: a Lincoln Square Synagogue. As perspectivas, porém, eram tudo menos grandiosas. A região passava antes por a-religiosa com muitos intelectuais, artistas, músicos, autores – judeus seculares de Nova Iorque, sem interesse em Judaísmo religioso. Mas vi esse ambiente como chance, simplesmente começamos – primeiro numa moradia nos Lincoln Towers. Começou a correr bem, mais e mais pessoas vieram, assim que finalmente construímos a Lincoln Square Synagogue. A comunidade pertenciam cerca de 700 a 800 famílias e 600 solitários. Estive lá ativo por 19 anos.

*Como rabino numa sinagoga florescente, então, o Senhor teve posição boa em Nova Iorque e motivo nenhum para ir a Israel?*

Durante todos esses anos visitei Israel muitas vezes, porque no fundo quis viver sempre ali. Creio que tudo que acontece na diáspora vá ser somente nota de pé da história do povo judaico. Os capítulos essenciais da história judaica estão sendo escritos em Israel. E se uma vez tivesse a chance, preferiria co-escrever num capítulo do que numa nota de pé, pensei comigo. A minha mulher e eu nos conhecemos em Israel, num programa de verão. Eu dei aulas e ela estava lá para aprender. Ela tinha 16, eu tinha cinco anos a mais. Nós nos enamoramos logo e celebramos sponsais rapidamente. E prometemo-nos um a outro: Quando somos casados, queremos também viver em Israel. Depois do casamento a primeira criança veio também logo, eu era com 24 rabino da sinagoga, as coisas andavam bem. Mas tinha um defeito: Não encontramos salto a Israel. Tentei obter trabalho em Israel, mas não deu certo. Mais tarde entendi que era porque não tinha barba.

*Temo-lo entendido bem? Não encontrou trabalho porque não tinha barba?*

Sim, era costume que em Israel um rabino ortodoxo tivesse barba. Mas ninguém me disse isso. Ora! Em todo o caso continuei procurando, fui em quase cada verão a Israel, participei em programas, organizei e ensinei. Mas não consegui trabalho apesar disso. A escola em Nova Iorque corria, entrementes, cada vez melhor. Fundamos duas escolas, uma Yeshiva High School para meninos e uma para meninas, ambas sob o teto de Or Tora. Em 1975 fui então convidado para um colóquio teológico muito especial no Qibuts Lavin. Fiz ali – ao lado de outros rabinos, uma palestra. Cada um de nós foi a seguir convidado a mais um Qibuts. Assim passei o próximo Shabat perto de Ashkelon e recebi convite para também passar o próximo verão com a minha família nesse Qibuts. Desenvolveu-se assim que com a minha família nos próximos oito anos estive ali nas férias de verão como cientista hóspede – até a nossa Aliyáh.

*Como chegou a isso exatamente?*

Um dia encontrei aparentemente por acaso Moshe Moshkowitz, conselheiro chefe do ministro do interior Avraham Burg e homem com muitos contatos políticos e quantidade de proteção. Ele escutou em uma das minhas palestras e me perguntou: “Que fazes na América? Precisamos de ti em Israel.” Respondi: “É que quero vir a Israel duradouramente, mas ninguém parece querer isso retamente. É que simplesmente não encontro trabalho.” Moshe Moshkowitz me pediu entrar no seu carro e vamos a uma colina vazia – a Efrat. Esse era um acontecimento chave para mim. Nas décadas dos 30 e 40 já havia nessa região uma vez colônias judaicas, mas essas caíram vítimas da guerra de independência. Moshkowitz me disse: “Depois da Guerra dos Seis Dias Golda Meir tinha a idéia de que nessa região especial devesse ser construída uma cidade com o nome de Efrat – o Efrat bíblico.” Golda Meir percebia a beleza da paisagem, da Suíça de Israel. Sentia que essa paisagem pudesse atrair pessoas especiais. Até o escreveu: “Aqui nascerá a cidade de Efrat, 250 metros acima de Jerusalém e servindo à proteção de Jerusalém.” Dois grupos de Olim [ascendentes = imigrantes] deveriam ser ganhos para a construção de Efrat, novos cidadãos de Israel, pioneiros de países economicamente desenvolvidos. Golda Meir pensava nisso em judeus de América e África do Sul. Quando estive com Moshe Moshkowitz na paisagem, era ali tudo vazio, nenhuma casa, nenhuma pessoa, simplesmente nada. Moshkowitz disse: “Perguntei uma vez Dizengoff, o primeiro prefeito de Tel Aviv, como se chega a ser prefeito numa cidade em Israel. Dizengoff respondeu: “Se queres chegar a ser prefeito numa cidade, precisas construir uma cidade.” Moshkowitz continuou: “Rábi Riskin, chega a ser meu parceiro! Estive na tua sinagoga em Nova Iorque, não percebido por ti, quando centenas de pessoas estiveram lá.” Yitzak Rabin esteve nesse Shabat também na sinagoga, assim que Moshkowitz podia pensar que eu já tivesse certo perfil. “Tu buscas as pessoas de América e África do Sul para fundar Efrat. Eu cuido de todas as licenças em Israel. E veras. No fim serei o prefeito e tu serás o rabino de Efrat. Com ajuda de Deus”, Moshkowitz disse. Assim começou: Um espaço vazio com potencial grande. Minha mulher e eu fomos entusiasmados. Mas até à primeira enxadada passaram ainda anos. De 1976 a 1981 cada metro quadrado foi examinado pelo Juizado Superior, para segurar que não houvesse terra nenhuma que pudesse ser reivindicada por um árabe.

*O Senhor convidou naquele tempo para apresentar eventuais reivindicações?*

Sim. Por isso é que houve os processos de 1976 a 1981.

*E hoje não estão sendo feitas reivindicações?*

Não. Isso tem razão, porque Efrat está formada como uma banana: Não incluímos em Efrat terra duvidosa, na que não pudemos estar certos.

*Segundo Você, a propriedade na terra em que Efrat foi construída está indiscutida – não há então reivindicações de devolver contra ela?*

Não.

*A população de Efrat cresce?*

Sim, naturalmente.

*Isso significa que também novas casas precisam ser construídas?*

Então, sim e não. Estamos infelizmente atingidos pela “parada de construir” do governo nas colônias. Não estamos, então, desde meses na condição de construir. Ansiamos o fim dessa medida para poder continuar construindo. Alguns projetos, com que já começamos antes da parada de construir, podíamos de fato terminar.

*Efrat jaz atrás da “Linha Verde” – sendo por isso considerada como colônia, cindo também sob “congelamento de assentimento” do governo israelense.*

Sim, jazemos atrás da “Linha Verde”. Mas onde está nisso o problema? Não é que as colônias sejam o problema, a que sempre estão sendo feitas, de jeito nenhum. Entre 1948, da declaração de independência e do fim da Guerra de Independência e a Guerra dos Seis Dias de 1967 não havia colônias, não havia também “Linha Verde” nenhuma. Mas árabes mataram continuamente judeus. E a Guerra dos Seis Dias começou antes que houve colônias. O mesmo vale para a intenção de nos puxar

para dentro do mar. O problema é que os palestinos não nos querem aqui. Ou dito melhor: A liderança dos palestinos não nos quer aqui, os palestinos normais aceitaram a nossa presença. Têm um lote [de vantagem; trad.] disso, qualidade mais alta de vida do que na maioria dos países árabes. Logo, os problemas no Próximo Oriente não têm nada a ver com as colônias, são meramente pano vermelho. O mito é – e lamentavelmente o mundo acredita isso – que os palestinos aqui passam como os pretos na África do Sul nos tempos da Apartheid. Que chagássemos como os Bures na terra deles e a ocupamos. Isso naturalmente é imbecilidade. Judeus vivem aqui sem interrupção faz 4.000 anos. Tem de ser claro que temos o direito de estar aqui.

*Mas discutidas são a extensão e fronteiras desse direito. Os palestinos reivindicam, finalmente, também que tenham direito a viver aqui em autonomia.*

Tudo, a terra inteira, seja Israel ou a terra oeste do Jordão são discutidos. Há dois povos, que ambos vivem nessa terra e a querem. Devemo-la repartir! O problema é que reconhecemos o direito deles, reconhecemos a possibilidade dum estado palestino. Mas os outros não reconhecem o nosso direito de estar aqui. Essa é toda a tragédia! Os outros falam de colônias, mas entendem o fato de que haja aqui judeus em geral. Mas isso só vale para seus líderes. Com os palestinos normais temos relações boas. Temos muito a fazer com os árabes das aldeias ao redor. Cuidamos do abastecimento medicinal nas nossas instalações de saúde – isso custa cada ano mais que cem mil dólares. Tentamos ajuda-los realmente. Vejo neles o alongamento da minha própria comunidade.

*Você está desde os começos de Efrat sem exceção sempre de pé e obrigado a esse lugar?*

Sim. É – assim como Deus quer – minha última estação. Efrat é sonho que chegou a ser verdade. É ainda mais do que isso. A realização do sonho está ainda mais grandiosa do que era o sonho. Há um prefeito, um conselho de cidade e um rabinato que dirijo com seis outros rabinos. Há em Efrat 33 sinagogas com 11.000 habitantes.

*Quanto é a percentagem dos habitantes que nasceram no exterior de língua inglesa?*

Essa está ao redor de 35 por cento. O resto são na maioria nascidos em Israel, muitos deles são crianças de imigrantes anglo-saxônicos.

*Efrat está aberta a cada um?*

Naturalmente. Nunca habitaria num lugar que não estivesse aberto para todas as pessoas, sejam elas religiosas ou não. Mas isso é um processo que se dirige a si mesmo. A maioria das pessoas que vivem aqui é religiosa. Para o próximo Shabat haverá mais uma vez Bar-Mitsvas em quatro sinagogas deferentes. Vou a todas as festas. Amo ver o desenvolvimento e crescimento. A cidade se desenvolveu muito bem e é muito moderna. Há aqui economia local, obra de rede em cultura, concertos, peças de teatro e ensino – pelo menos cerca de 400, 500 horas de ensino de Toráh cada semana. Eu, por exemplo, ensino cada manhã de 6.30 a 7.15 diante de 35 a 40 pessoas uma página do Talmude. Tive também a oportunidade de construir unidade de formação. Temos 15 escolas e onze terrenos de High School, um lugar de formação para rabinos bem como um colégio para mulheres. Cada ano enviamos 25 a 35 rabinos ao mundo inteiro, também à Alemanha.

*O começo de Efrat então consiste também em juntar religião com vida moderna na base de pessoas que imigraram de países desenvolvidos. A transplantação dessa idéia conduz também a efeitos positivos na realidade social, como, p.ex., numa cota baixa de criminalidade ou abuso de drogas?*

Penso que Efrat sob aspecto social é simplesmente uma cidade média. Também nós temos um problema de álcool e drogas. Um dos meus filhos dirige uma escola para pessoas jovens que por tais razões precisavam deixar a High School. Ele tem uma cota de 96% em fazer deles cidadãos que então depois da escola passam pelos testes para uma formação melhor e vão ao exército.

*As situações são mais ou menos assim como em qualquer outra cidade israelense de tamanho médio?*

Talvez sejam até melhores. Temos provavelmente menos que dois por cento de assim chamadas crianças de problema. A essas, porém, já estão sendo contadas a elas que são amigas delas ou simpatizam com ela, mas mesmas não fazem parte.

*Efrat então é lugar onde se pode crescer com segurança, sem ser exposto demais a influências más?*

Sim, vem certamente. Estou muito orgulhoso desse lugar. A esmagadora maioria das nossas crianças cresce em famílias muito estabelecidas, moralmente honestas e religiosas. Já têm quase cem casamentos nos quais ambas as partes se originam de Efrat. Mas temos naturalmente também problemas, que também não escondemos. Problemas com divórcios, com violência – mas em soma se pode viver aqui maravilhosamente. Todas as minhas crianças vivem aqui. Tenho quatro crianças casadas e 15 netos e netas – e todos eles vivem em Efrat. Uma das minhas netas é oficial no exército. Pelo nos Colégio de Mulheres, o Midreshet Lindenbaum, ele pode ligar o serviço no exército com o estudo da Toráh.

*É essa a única instituição desse gênero?*

Inicialmente o era. Foi considerada no mundo ortodoxo como radical. Entrementes há duas outras.

*Também outros dos seus projetos foram primeiro considerados como radicais.*

... sim, por exemplo, levar candidatas nos tribunais religiosos. Isso antes não era possível de jeito nenhum, mas hoje está completamente aceitado. Para trabalhar como advogada num tribunal religioso é preciso passar por volumosos estudos de Talmude, o que para mulheres, porém, em muitos estabelecimentos não é possível.

*Tema espinhoso são também pessoas que querem entrar no Judaísmo.*

Esse é assunto muito importante e um dos decisivos em geral. Primeiro, devo dizer que estou absolutamente contra a atitude do estabelecimento religioso atual em relação a conversões.

*Por quê?*

A Tor'h nos diz em 36 lugares que devamos amar o convertido. E o Talmude nos diz bem exatamente que o amor para os não-judeus deva começar logo que ele mostrar pela primeira vez possivelmente querer converter ao Judaísmo. E o Talmude nos também propõe não ser demais severo e examinante com eles. Brevemente dito: Direito judaico fundamental nos diz que devamos ser abertos e amigáveis a pessoas que quiserem converter. Essa é também posição minha.

*A realidade, porém é outra em muitos lugares.*

Lamentavelmente. Isso é porque o processo de conversão em Israel foi ocupado pelos Haredim, os Ultra-ortodoxos. Os tribunais religiosos que se ocupam com isso eram uma vez moderno-ortodoxos ou religioso-sionistas, mas estão entrementes dominados por Haredim. Essa é desenvolvimento fatal, pois atitude aberta, amigável aos que querem converter-se é simplesmente decisivo para o futuro. A gente se deve fazer ciente: Há aproximadamente 400.000 imigrantes da antiga União Soviética em Israel que não são judaicos no sentido da Halakáh. Na base do direito a retorno, ...

*... para que basta um avô judaico ou uma avó judaica para ter permissão de imigrar podiam, apesar disso, vir a Israel.*

Exatamente. Vocês vêem, o direito a retorno a Israel se apóia à que passado familiar os nazistas consideraram como suficiente para considerar alguém como judaico. A consequência é que muitos cidadãos israelenses da antiga União Soviética não são judaicos no sentido da Halakáh. Mas em que francamente convém deixá-los converter.

*Quais exigências deveriam ser feitas para convertidos?*

Para homens vale que precisem ser circundados. Mulheres e homens precisam tomar banho numa Mikvê e aceitar os mandamentos. Aí não pode haver compromissos. De outro lado ninguém pode esperar que convertidos conheçam todos os pormenores de vida judaica. Mesmo eu não sou onisciente em todas as áreas, embora já durante toda a minha vida viva como judeu religioso e leio textos religiosos. Penso que as áreas essenciais devam ser aprendidas. A essas pertencem a Shabat, os dias de festa, os princípios de Cashrut e da pureza da família, bem-feitoria e bondade, mas não cada detalhe. Aliás, o Talmude menciona nesse conexo Shabat, Cashrut e bem-feitoria. Já em alguns em Israel a idéia de anular conversões quando o convertido não mais vive judaicamente. Mas já Moses Maimônides, professor de lei do século 12, disse que, quando alguém uma vez converteu, a conversão não pudesse

ser anulada. Mesmo quando um convertido começar a não mais viver judaicamente, então é que não é mais judeu religioso, mas um judeu. E quando casar, o casamento é válido. Não há judeu sob reserva. Quem uma vez chegou a ser judeu, fica-o sem condições.

*O Senhor é dentro do espectro ortodoxo um reformador que quer que as posições dele venham da esquina das alternativas ao centro e seja aceitas pela maioria?*

Não sou alternativo. Os Haredim conseguiram em pouco tempo mudanças; eles são os reformadores nos meus olhos. Da minha opinião são os grandes professores rabínicos dos séculos passados. Um exemplo: O Talmude disse que é bom estudar a Toráh, mas também ter uma profissão. Esse é o estilo de vida que a Toráh apresenta. O direito judaico nunca era outro. Nunca exigiu que pessoas jovens, para o estudo da Toráh, deixassem o trabalho. Isso é que os Haredim introduziram. Logo, propriamente está no meio, para assim dizer “ortodoxo de corrente principal”.

*O Senhor é também um dos primeiros rabinos ortodoxos que se esforçou para as relações judaicas-cristãs. Para isso, o Senhor fundou propriamente o centro de estudos e encontros «The Center for Jewish-Christian Understanding & Cooperation», para alcançar o mundo cristão.*

Meu interesse nas relações judaicas-cristãs tenho de propriamente agradecer à Alemanha. Durante a segunda intifada ninguém nos visitou – até que de repente recebi telefonema duma Irmã Martha de Darmstadt. Ela me visitou a seguir com um grupo inteiro de Irmãs protestantes da Comunidade das Irmãs de Maria Evangélicas Darmstadt. As Irmãs também exercem uma pequena agricultura; dão o lucro para Israel. Respondi a visita e viajei à Alemanha. Por esse encontro comecei a perceber que haja muitos cristãos que cultivam estreitas relações a Israel e amizades com judeus, especialmente muitas vezes cristãos evangélicos, que também se interessam muito para o, como eles o chamam, «Antigo Testamento», o que para nós é a Bíblia.

*O quê acontece no Centro exatamente?*

Damos ensino – para isso temos professores extras. Já nos visitaram milhares de cristãos para saber mais sobre o significado judaico do Cristianismo, sobre Jesus o judeu...

*... o mais famoso judeu de todos os tempos...*

Muito reto. Ocupo-me com Jesus sempre mais uma vez, com sua personalidade e seus ensinamentos, que estão fortemente enraizados no pensar do Talmude. Jesus era um rabino que em tempos difíceis estava com o seu povo.

*Chamar Jesus de rabino – isso é que encontra certamente reservas, ou não?*

A expressão “rabino Jesus” não chega bem num público judaico, especialmente em Israel. Há associações negativas demais perante o fundo do que cristãos europeus fizeram em nome de Jesus aos judeus. No entanto estou convencido que houve um Jesus histórico que era ensinador judaico. E acentuo esse fato sempre mais uma vez perante grupos cristãos que nos visitam.

*Até onde pode para o Senhor ir um diálogo com cristãos e onde jazem os limites?*

Posso também imaginar fazer uma Darasháh ou uma Devrey Toráh, então uma leitura de textos da Bíblia hebraica numa igreja. Isso depende da simbólica na igreja, mas em geral isso seria possível. Em cada diálogo com cristãos, porém, é importante também salientar as diferenças entre nós. Para mim, Jesus não é o Filho de Deus. Somos todos igualmente crianças de Deus. E Jesus também não era o Messias. Pois o Messias é o Rei de Israel num tempo de paz e da salvação. E esse tempo ainda não veio. Meu grande professor, o rabino Soloveitchik, de beata memória, formulou condições para um diálogo com cristãos, que também compartilho: Discussões teológicas com cristãos não têm sentido, quando os participantes judaicos não estejam em fidelidade à sua fé, quando os cristãos nos vejam como inferiores ou quando um lado quiser mover o outro para converter.

